

**RECLAMANDO “DE BARRIGA CHEIA”:
O MANÁ E AS CODORNIZES EM QIBROT-HATTA’AWAH
(Nm 11,4-35)**

*Fabrizio Zandonadi Catenassi**

Resumo

No contexto dos conflitos no deserto, a redação final do livro dos Números resgata os relatos de Ex 16–18, referentes ao maná, às codornizes e à divisão do governo de Moisés. Trata-se de um conflito em Qibroth-hatta’awah (Nm 11,4-35), guiado pelo desejo desenfreado por carne, manifesto por um grupo no meio do acampamento. Esse artigo apresenta uma análise teológica do texto de Nm 11,4-35, enfocando os aspectos relacionados ao alimento na Bíblia. O texto foi trabalhado em sua forma final, valorizando aspectos estilísticos e temáticos, bem como elementos de intertextualidade entre Nm 11,4-35 e Ex 16. Na ótica do alimento, foi destacado o desejo desmedido por comida, que gera o conflito contra o projeto de libertação de Deus, a necessidade de educar o povo colocando líderes animados pelo espírito de Deus e o caráter exemplar do relato, mostrando o castigo como consequência do desejo do povo. O texto manifesta a necessidade de uma verdadeira educação para a solidariedade. Necessitamos de estruturas estáveis que, profeticamente, lembrem o cristianismo de sua missão de incrementar o Reino de dignidade e justiça em nosso meio.

Palavras-chave: *Números. Pentateuco. Maná. Codornizes.*

Abstract

Within the context of the desert conflicts, the final redaction of the Book of Numbers brings back the stories of Ex 16-18, regarding the Manah, the quails and Moses’s government division. It is about a conflict in Qibrot-hatta’awah (Nm 11,4-35) guided by the unbridled desire for meat, manifested by a group of people in the camp. This issue presents a theolo-

* Mestre em teologia (PUCPR) e doutorando em Teologia (PUCPR). Professor de Sagrada Escritura e coordenador da Pós-graduação em Teologia Bíblica (Católica SC).

gical analysis of text Nm 11,4-35, focusing on aspects related to food at the Bible. This text was worked in its final form, valuing stylistic and thematic aspects, as well as intertextuality elements between Nm 11,4-35 and Ex 16. From the point of view of food, was highlighted the unbridled desire for food that generates a conflict against God's freedom project, the need to educate people by placing leaders animated by the spirit of God and an exemplary feature of the story, indicating punishment as a consequence of people desire. This text manifests the need of a true education for solidarity. We need of stable structures which prophetically will remember Christianity the mission to increase a Kingdom of dignity and justice between us.

Keywords: Numbers. Pentateuch. Manah. Quails.

1. Introdução

O Antigo e o Novo Testamento empregam com certa frequência uma imagem típica da caminhada do povo no deserto: a doação do maná, caindo do céu livremente para o povo, como sinal da bênção e do cuidado de Deus, que acompanhava os israelitas na peregrinação rumo à terra prometida (Dt 8,3; Js 5,12; Ne 9,20; Sl 78,19-31; 105,40-41; 16,20-21; 2Cor 8,15; Ap 2,17; implícita em Mc 6,30-44 par.). Também a tradição judaica lembrará o maná guardado na Arca da Aliança (Hb 9,4), o qual aparecerá nos escritos rabínicos como o alimento do tempo da salvação futura (AUNEAU, 2013, p. 844).

No conhecido texto do Pão da vida (Jo 6), Jesus se coloca como o pão de Deus que desce do céu e dá vida ao mundo (Jo 6,33). O discurso é uma resposta catequética à multidão, que pergunta que sinal Jesus faz, uma vez que Deus havia dado o maná para seus pais no deserto, conforme dizia a Escritura: “Deu-lhes pão do céu a comer”. A citação é de Ex 16,4, que reflete a visão mais difundida sobre o maná, dada pela narrativa de Êxodo. Contudo, a versão não sacerdotal do texto, presente em Nm 11,4-35, traz nuances bastante diferentes da primeira, que merecem um olhar mais acurado. Enquanto Ex 16 é uma narrativa exemplar da ação de Deus em favor da fome dos israelitas, Nm 11,4-35 não fala da falta de comida, mas de queixas sobre a variedade dela: o povo reclama porque estão cansados do maná. O episódio é longo, contando com conflitos, queixa de Moisés e castigos, relendo de maneira mais dura a experiência do maná no Êxodo.

Em Números, o tom positivo das narrações dos conflitos do povo na caminhada no deserto, mostrando a intervenção benevolente de Deus, é alterado. Passa-se a uma imagem divina mais rigorosa, que pune os culpados, julga o povo e castiga com veemência suas queixas. No projeto de redação final do Pentateuco deve-se considerar que os conflitos mais violentos, contando com punições divinas, estão localizados depois da aliança feita no Sinai, o que exige que seus textos sejam lidos sob a ótica da ética sinaítica.

Diante disso, esse artigo propõe uma análise teológica de Nm 11,4-35, enfocando os aspectos relacionados ao alimento na Bíblia. O texto foi trabalhado em

sua forma final, valorizando aspectos estilísticos e temáticos, bem como elementos de intertextualidade entre Nm 11,4-35 e Ex 16.

2. Da santidade à desobediência: a caminhada no deserto no Livro de Números

Os capítulos 1–10 do livro de Números apresentam a primeira etapa dos israelitas depois da aliança no Sinai. Eles devem marchar rumo à Terra Prometida, mas, antes, fazem uma grande organização da assembleia, valorizando aspectos de santidade. Esses capítulos iniciais de Números reforçam a ideia de que Israel é uma comunidade santa, que se acomoda ao redor do santuário. Entre os caps. 11–20, o cenário desértico abraça uma realidade bem diferente: ali surgem conflitos, murmurações e rebeliões, que mostram a fragilidade humana que está presente nessa comunidade santa e o papel de Moisés como mediador (VARO, 2008, p. 99).

Sendo assim, o deserto não é desenhado de maneira idílica no Pentateuco, como muitas vezes aparece nos textos proféticos (Jr 31,12; Os 9,10), até como lugar da união entre Deus e Israel (Jr 2,2; Os 2,16-17). Nos primeiros livros da Bíblia, é lugar de solidão (Dt 32,10), com ameaças de animais e privação de necessidades humanas (Dt 8,15). No deserto, Israel deve lutar pela sua sobrevivência. Nesse sentido, surgem crises e conflitos, causados pelas murmurações dos israelitas, o que, segundo Römer (2004, p. 255-256), confere um sentido sombrio, quase desesperador, da caminhada de Israel no deserto, expresso no ciclo de revoltas de Nm 11–25, que radicalizam o motivo das lamentações e murmurações do povo no Êxodo. Nos conflitos em Números, Israel deve escolher entre a fidelidade e a idolatria (Nm 11; 12; 14; 16; 20; 25), bem representada na ideia de seguir o caminho ou regressar ao Egito.

A história do maná e das codornizes aparece no livro dos Números no cap. 11, que reúne pequenas histórias de diferentes tradições, reunidas em um complexo processo de elaboração literária. Em um efeito cumulativo, as rebeliões ganham proporções cada vez maiores, até chegarem à grande condenação da peregrinação por 40 anos no deserto (Nm 14). Wenham (1985, p. 113) nota os contrastes entre a atitude positiva de Moisés assim como apresentada no cap. 10, antes de iniciar a marcha, e a postura queixosa no cap. 11, quando começa sua empreitada. Em Nm 10,29-32, Hobab é um madianita escolhido para guiar o povo em marcha, uma vez que conhecia bem o deserto. Dentre os argumentos de Moisés para convencê-lo está a reafirmação da terra como dom e promessa: “Yhwh prometeu coisas boas (*dibber-tov*) a Israel” (v. 29), além da certeza de que Yhwh fará coisas boas (*hattov*) ao seu povo (v. 32). Em Nm 11, o próprio Moisés se queixa de que Deus fez mal a ele (v. 11). Enquanto que Hobab é convocado a ser os olhos do povo (10,31) na caminhada, ajudando a olhar Canaã à sua frente, na rebelião de Nm 11, a congregação olha para trás e quer voltar ao Egito (11,5). Olson indica que esse salto de obediência fiel à desintegração das relações é notável e somente acontece no Pentateuco

em duas ocasiões: Entre Gn 2 e 3 e no episódio do bezerro de ouro (Ex 32–34) que segue a aliança no Sinai (Ex 19–31).

3. O desejo desmedido e a pedagogia divina: o conflito em *Qibrot-hatta'awah* (Nm 11,4-35)

Definido o contexto literário amplo, passamos a mostrar o contexto literário imediato e a um comentário teológico de Nm 11,4-35, enfocando o aspecto do alimento na Bíblia. O relato do maná e das codornizes é antecedido por uma etiologia que explica o surgimento de um lugar chamado *Tab'erah* (Nm 11,1-3), termo ligado a “queimar”, uma vez que se trata de um episódio em que a ira divina é expressa por meio do fogo.

A estrutura de Nm 11,1-3 é um roteiro pragmático para as narrativas posteriores de rebelião, é uma história de conflito em miniatura (SHERWOOD, 2002, p. 107), já que as que a seguirão apresentam uma estrutura bastante semelhante: o povo murmura (contra os líderes ou contra Deus, majoritariamente), Deus pune com castigo, Moisés intercede em favor dos filhos de Israel e Deus intervém positivamente em resposta. O relato, breve, coloca Moisés no centro, acompanhando os israelitas, ouvindo seu clamor e intercedendo a Deus, o que se repetirá no episódio paralelo de Nm 21,4-9 e na rebelião de Maria e Aarão, em Nm 12,1-11 (ARTUSO; TEIXEIRA, 2014, p. 190).

A narrativa do maná e das codornizes (Nm 11,4-35), formada por tradições pré-exílicas, apresenta uma fórmula etiológica que serve como moldura do relato, organizado a partir do verbo *'awah* (com o sentido de “desejar”¹). O relato é aberto (v. 4) dizendo que um grupo “deseja um desejo”, usando o substantivo *ta'awah* (“ter um desejo de”) em conexão com o verbo *'awah* no hitpael. Nesse caso, *ta'awah* aparece como acusativo interno do verbo *'awah*, como em Pr 21,26 (SCHÖCKEL, 2004, p. 695). O termo *ta'awah* também aparece ligado à comida/bebida em 2Sm 23,15. No v. 34, o local da rebelião é denominado *Qibrot-hatta'awah* (“Os sepulcros do desejo”), concluindo o conflito, fechando a moldura e precedendo uma fórmula sacerdotal de caminhada no v. 35.

3.1. O desejo desmedido por comida como fonte do conflito (v. 4-9)

Na primeira parte do texto, a crise sai das margens do acampamento (Nm 11,1) e se estabelece no meio do povo, a partir de um grupo específico, chamado no hebraico de *'asafsuf*, um termo que só aparece uma vez na Bíblia judaica, portanto, de difícil tradução. Noth (1968, p. 85) defendia que seu significado literal

1. Os tradutores preferem, em geral, “cobiça”, para denotar a natureza má da ação. De qualquer forma, o termo pode designar um desejo com sentido positivo ou negativo (ALDEN, 1998, p. 27), o que exige que, em Nm 11, o sujeito do verbo e o contexto da ação ajudem a determinar sua natureza.

é “uma reunião de pessoas”. Contudo, grande parte dos autores atribui ao termo um significado mais determinado, restringindo-o aos não israelitas que haviam se juntado ao povo no êxodo do Egito, o mesmo que aparece em Ex 12,38 (WE-NHAM, 1985, p. 114; VARO, 2009, p. 101).

A crise se estabelece porque o grupo queixoso, “desejando um desejo”, rejeita o maná e lamenta-se por não haver carne no deserto. Knierim e Coats (2005, p. 175) notam que não se forma uma rebelião dramática, como em outras situações do livro dos Números e que a pergunta “quem nos alimentará com carne?” (v. 4) é aparentemente neutra, simplesmente um pedido indireto ou expressão de forte desejo sem tons de rebelião. Originalmente, o relato devia ser uma mostra do favor de Deus para o povo, reinterpretado por tradições antigas para ser uma história exemplar de punição. Nessa releitura, a pergunta retórica é colocada evocando a liderança no deserto: Quem era responsável pelo alimento?

A segunda parte da queixa descreve idealmente a vida no Egito, como se fosse um lugar onde havia carne e outros alimentos em abundância e, o melhor, “por nada” (v. 5). A imagem é idealizada, porque o alimento não era grátis: era mero sustento para o trabalho forçado. Contudo, a menção histórica tem caráter teológico, já que, no Egito, receber a carne e os alimentos não exigia um comportamento ético, enquanto que o maná no deserto é associado com a necessidade de obediência aos mandamentos divinos (SAKENFELD, 1995, p. 71).

Há uma interessante oposição criada pelo narrador entre a carne do Egito e o maná que caía do céu (ACKERMAN, 1997, p. 95; MILGROM, p. 83): no discurso do povo, a carne egípcia está em um forçoso ar de gratuidade, como se os israelitas a recebessem sem esforço. Para o narrador, o maná é descrito com muito mais detalhes que em Ex 16 e, diferente da “carne grátis”, exige participação humana em seu recebimento: devia ser colhido, moído, batido e fervido para fazer os bolos. A exposição é de abrir o apetite: seu sabor era de bolo amassado com azeite e, como a nuvem na tenda, o maná descia (*yarad*) sobre o acampamento (v. 9).

Portanto, na natureza da queixa está o desejo desmedido de um grupo, que se alastra sobre todo o Israel, que chora e reclama sobre dois aspectos: a capacidade da liderança de dar o alimento que esperam e o valor do maná para o sustento. No arranjo literário do Pentateuco, nessa etapa da caminhada, o povo não era um grupo de peregrinos famintos prestes a morrer no deserto. Do contrário, já haviam recebido o maná como presente de Deus e sinal de sua companhia na caminhada. Então, o tom pejorativo sobre o maná em Nm 11,4-9 ganha tons de uma profunda crise interior, à medida que mostra o povo rejeitando elementos fundamentais do projeto de libertação de Deus. Estão cansados do alimento dado por Deus, criticam os líderes do povo e manifestam o desejo de abandonar o projeto de chegar a Canaã. Em última instância, não necessitam de comida, precisam, na verdade, reconhecer suas reais necessidades na caminhada do deserto, abandonar

os caprichos acidentais do caminho. Se o desejo dos israelitas os leva a exigir um cardápio variado e a deturpar o plano divino, o processo pedagógico de cura passará, então, por uma educação interior, que os ensine a pedir bem, de forma a satisfazer suas reais necessidades.

3.2. *É preciso alimentar, mas também educar o povo (v. 10-15)*

Na lógica dos episódios de conflito no deserto, esperaríamos após a queixa do povo a intercessão de Moisés, mas ele próprio reclama a Deus. Aparentemente, Moisés é quem parece ser o revoltoso, já que apresenta uma série de acusações a Deus em sua oração. O texto de Nm 11–15 é bastante elegante, organizado em formato quiástico e com uma série de perguntas retóricas que valorizam não a imagem de um Moisés magoado com Deus, mas de um desabafo cheio de confiança, que lembra o tom dos salmos de lamentação.

Já vimos que no pedido do povo desponta uma crise no projeto de libertação do Êxodo, guiada pelo desejo desenfreado que surge de um grupo específico. Moisés tampouco entende as reclamações simplesmente como necessidade de um cardápio variado no deserto, mas aprofunda os temas das queixas, espiritualizando-os e enxergando-os à luz de sua responsabilidade pessoal sobre os israelitas e do papel de Deus no cuidado durante a caminhada.

Em primeiro lugar, a narrativa não mostra uma conspiração direta contra Moisés, sequer contra Deus, como aparecerá em outros episódios de rebelião (Nm 12,1; 14,2; 16,3). Mas Moisés fala como se fosse acusado e castigado, primeiro porque sente que deve encontrar carne para alimentar as pessoas, depois porque parece que Deus obrigou-o a cuidar de todo o povo. Moisés sabe que essas tarefas são pesadas demais e que não são de sua responsabilidade, mas de Deus, o criador dos filhos de Israel (v. 12).

Ao mesmo tempo, não se esquia de sua responsabilidade humana de estar à frente dos israelitas, o que é bem expresso nas imagens da mãe e da ama de leite (*'omen²*), que é bastante justa: Deus deu à luz o povo, mas Moisés sabe da necessidade de um líder humano para guiá-los; por isso ele se entende como a pessoa responsável por cuidar das crianças. Assim, questiona em uma pergunta retórica sobre quem deve ter a função de conduzir o povo: “Fui eu quem o dei à luz, para que me digas: ‘Carrega-o em teu regaço’” (v. 12)? Contudo, não quer assim abster-se de sua responsabilidade. O verbo “carregar” (*nasa'*) novamente aparece no v. 14 com o “eu” enfático (*'anoki*), quando Moisés reconhece que a tarefa é pesada demais para que ele, sozinho, conduza o povo.

2. O termo traz problemas, já que aparece no texto hebraico como substantivo masculino. Ainda que Milgrom (1990, p. 85) cite uma tradição judaica que fala de um homem que cuidava das crianças, a flexão masculina parece simples acomodação para concordar com Moisés como sujeito.

Dessa forma, na ótica da suspeita, podemos dizer que a oração de Moisés reconhece a necessidade de que líderes estejam à frente do povo, mas associados diretamente a Deus, que é o criador e “primeiro provedor” de sua prole. A tarefa dos escolhidos para estar à frente é continuar a ação de Deus, como as amas de leite, que alimentam suas necessidades básicas, mas também educam para que não recebam alimento sólido que ainda não tem capacidade de comer. Isso combina bem com a queixa do povo, guiada pelo desejo desmedido, que pede o impossível no deserto, rejeitando o comando de Deus e de seu líder, Moisés.

A oração de Moisés prepara a ação de Deus que aparecerá nas cenas seguintes³: (a) a queixa sobre comida será resolvida com as codornizes; (b) se Moisés não gerou o povo e sente que seu fardo é pesado, será preciso levantar mais líderes junto ao povo.

3.3. O desejo do povo e a pedagogia divina: novos líderes e carne em abundância (v. 16-35)

A ação de Deus em resposta à oração de Moisés aprofunda o tema das murmurações: não se trata somente de carne ou de voltar ao Egito. A razão para a ira de Deus é bem estabelecida no v. 20: “visto que rejeitastes Iwhh que está no meio de vós e que chorastes diante dele dizendo: ‘Por que, pois, saímos do Egito?’”, tratando do desejo de regressar ao país da escravidão como uma rejeição do próprio Deus. No discurso divino, a fala do povo é transformada: Deus acusa o povo por dizer que “Éramos felizes no Egito” (v. 19), ao invés de reproduzir seus elogios ao alimento que tinham no Egito. A descrição da comida é interpretada na resposta divina como expressão do mundo interior dos israelitas.

Também as reclamações sobre a liderança terão uma dimensão menos óbvia. Cada família de Israel, às portas de sua tenda, chorava (v. 10) por desejo de comer carne e regressar ao Egito. Mas é importante lembrar que a rebelião começa focal, nascida no grupo chamado *‘asafsuf* e só depois se alastra para o meio do povo. Se os israelitas foram influenciados pelas vozes de murmuração, que idealizam o sofrimento do Egito e deturpam o projeto libertador de Deus, é preciso que novos líderes restabeleçam o foco da caminhada e orientem o povo para suas reais necessidades.

Deus atende primeiro a queixa de Moisés⁴: se sozinho ele não pode guiar o povo, é preciso escolher e capacitar outros líderes que o ajudem na empreitada,

3. Alguns autores, como Stubbs (2009, p. 116), veem a escolha dos 70 anciãos como uma resposta à queixa de Moisés, mas com uma ligação muito tênue com a necessidade de controlar os desejos do povo. Parece que esta visão não contempla uma leitura do texto em sua forma final, que apresenta o anelo incontrolado do povo como a faísca da rebelião, que é controlada com uma reforma estrutural feita por Deus (os 70 anciãos) e com uma ação pedagógica (a consequência de comer de maneira desmedida).

4. Para Ackerman (1997, p. 94-95), Moisés erra ao pedir para Deus que alivie seu fardo de estar à frente do povo e a profecia extática é um sinal do castigo que vem com o espírito (*ruah*) de Deus, o que, em uma visão de conjunto, parece não combinar com a intenção do relato de legitimar a autoridade dos chefes do povo.

como reflexo da ação divina sobre os israelitas. Devem ser escolhidos, então, 70 homens em Israel para julgar junto ao povo e direcioná-lo. No v. 16, “anciãos e escribas” (literalmente, “escritores”) designam melhor a natureza administrativa dos que são chamados: são oficiais junto ao povo, que devem receber o espírito, o mesmo que havia capacitado Moisés para realizar suas tarefas. O relato mostra que receberam a mesma *ruah* (“sopro”, “vento”, “espírito”) de Moisés, ou seja, foram animados com a mesma força e capacitados para uma missão semelhante (v. 24-30). Noth (1968, p. 87) defende que essa combinação entre ser um “oficial” e receber o espírito mostra-se uma marcante junção de instituição e carisma, de trabalho e vocação.

No conflito do povo no oásis de Cades (Nm 13–14), de maneira ainda mais evidente, estarão em conflito dois projetos: um é o de tomar a terra prometida, que mana leite e mel, defendido por Caleb e Josué; o outro, é voltar para o Egito, coordenado por dez homens que haviam explorado a terra, que decidem colocar outro chefe e conduzir a empreitada de retorno. No pano de fundo, assim como em Nm 11,4-35, está a mesma crise de aceitar ou não o projeto de libertação de Deus, lançado sobre Caleb e Josué, que são porta-vozes da teologia da eleição e da promessa. Nm 13–14 apresenta uma das mais severas punições de Deus, condenando à morte no deserto todo o povo, que peregrinaria por 40 anos, até que outra geração pudesse tomar Canaã. Contudo, o discurso de Deus no relato salvaguarda Caleb, porque “havia outro espírito (*ruah*) com ele e seguiu depois de mim” (Nm 14,24). O sentido é de seguir a Deus completamente, ser leal após outros haverem virado as coisas e o abandonado (cf. Nm 32,11-12; Dt 1,36; 1Rs 11,6) (CATENASSI, 2014, p. 50).

Essa nova *ruah* de Caleb coloca-o dentro do plano de Deus de libertação. Essa *ruah* está sobre Moisés, dando um olhar fixo para a terra da promessa e é derramada sobre os anciãos, que começam a profetizar. A profecia extática não é o centro do relato, mas sim a efusão do espírito, que mostra que a carga de Moisés é aliviada porque outros chefes do povo são colocados com a mesma visão (com a mesma *ruah*), que olha os acontecimentos pelo filtro da eleição e da promessa. Na boca de Moisés, uma afirmação mostra o caráter ideal que deveriam ter os israelitas: “Oxalá todo o povo de Yhwh fosse profeta, dando Yhwh para eles o seu espírito (*ruah*)” (v. 29).

Na pedagogia divina, a resposta de Moisés no v. 29 manifesta que o ideal é que todo o povo entrasse na dimensão da *ruah* divina, ou seja, enxergasse o significado mais profundo da caminhada no deserto e estivesse conectado ao que era essencial ao invés de perder-se em desejos sem sentido. Aqui está a crítica ácida do relato, que abusa da ironia em diversas partes: desejos desmedidos não podem roubar a soberania de Yhwh do coração do ser humano.

Por isso, a mesma *ruah* de Deus sopra as codornizes sobre o acampamento. Aparentemente, seria um desfecho positivo do relato, no qual Deus responde-

ria de maneira favorável à reclamação do povo enviando carne em abundância. Contudo, sem muitas explicações, o narrador mostra que, após dois dias recolhendo as aves, o povo é castigado (v. 33). As codornizes haviam caído fora do acampamento, em zona impura, o que representa bem como o desejo de carne havia afastado o povo de Deus. A mão de Yhwh continuava forte, conforme sua palavra (v. 23) e mostrava que ele também era dono da carne, não só do maná. Mas a atitude é pedagógica: Deus deu a abundância que supostamente tinham no Egito, mas a ganância e a gula do povo acabaram por transformar o dom em castigo. É preciso, então, marcar o lugar como “Os sepulcros do desejo” (*Qibrot-hatta'awah*, v. 34), o que reflete bem a função instrutiva do texto. Ali, morrem os anelos desenfreados do povo; os que escutaram a voz dos desejosos e foram levados pela concupiscência foram castigados e o povo foi reconectado ao plano de Deus de chegar a Canaã.

4. A ética do Sinai derruba os desejos dos queixosos

Muitos comentadores de Números notaram o parentesco entre Nm 11,4-35 e Ex 16–18. Em sentido temático, ambas as passagens trazem conflitos em torno da autoridade da liderança do povo e do tema do alimento no deserto. O arranjo literário valoriza a aliança no Sinai, colocando em evidência a santidade vivida no tempo em que a aliança foi ali selada e a frugalidade das preocupações do povo em marcha (SAKENFELD, 1995, p. 68). É importante, assim, fazer uma breve comparação entre os diferentes ciclos de narrativas da caminhada do povo no deserto, já que a comparação de cada ciclo com o que o precede ajuda a clarificar o significado de cada uma das fases (ARTUSO, 2008, p. 28), identificando os reflexos da ética do Sinai na organização final do texto de Números.

No projeto de redação final do Pentateuco, antes de chegar a Canaã, o povo acampa aos pés do Monte Sinai, a partir de onde a caminhada será empreendida com outro sentido, guiada pela obediência à Lei, que oferece um caminho de conversão interior para que o povo esteja apto a conquistar a terra. A aliança aparece como evento fundante da dimensão ética em Israel. Nesse sentido, a aliança no Sinai passa a ser um tema de caráter longitudinal que permeia a caminhada e perpassa a fé do povo como o elemento norteador (CATENASSI, 2014, p. 95). É o parâmetro para saber se são o povo de Deus (Lv 26,6-13). Em certa medida, é a garantia de que o povo alcançará êxito na sua empreitada rumo a Canaã.

As reclamações do povo antes do Sinai giram em torno de temáticas objetivas e externas. São problemas causados pela natureza: falta de água (Ex 15,22-27), comida (Ex 16,1-36) e novamente a falta de água, no episódio da água amarga (Ex 17,1-17). Há também desafios causados pelos homens: o perigo vindo dos inimigos de fora, como os amalecitas (Ex 17,8-16) e os perigos no interior da própria comunidade, como a centralização da liderança (Ex 18,1-27). Nessas ocasiões, Deus se mostra favorável ao povo, escutando suas queixas e dando

uma resposta que atenda ao que reclamam: transforma as águas amargas de Mara em doces, faz com que brote água da rocha e envia o maná e as codornizes para amenizar a fome.

Nos episódios de rebelião em Números, novos elementos são acrescentados. Olson (1996, p. 62) apresenta um interessante esquema, adaptado abaixo, que mostra as similaridades e diferenças entre as crises do povo em Êxodo e Números, colocando o Sinai como centro:

<i>Êxodo (antes do Sinai)</i>	<i>Números (depois do Sinai)</i>
– Canto de louvor de Miriam (15,20-21)	– Miriam e Aarão se rebelam (12)
– Reclamação sobre água, água amarga torna-se doce, o SENHOR cura (15,22-26)	– Reclamação não especificada – o fogo irado do SENHOR Mata (11,1-3)
– Maná/codornizes (16)	– Maná/codornizes (11,4-15.31-35)
– Água da rocha (17,1-7)	– Água da rocha (20,1-13)
– Líderes são escolhidos para amenizar o fardo de Moisés (18)	– Líderes são escolhidos para amenizar o fardo de Moisés (11,16-30)
– Israel ataca Amalec e é vitorioso (17,8-16)	– Israel ataca Amalec e é derrotado (14,39-45)

Ainda que os episódios não sejam estruturados na mesma ordem e proporção, são indicativos de que, no processo de redação final do Pentateuco, as diferentes tradições que compuseram os relatos de murmuração foram estruturadas em paralelismo, de forma que, para compreender os relatos de Números, é necessário um olhar retrospectivo para a aliança no Sinai. Um rápido olhar para os episódios elencados na lista de Olson, como mostramos acima, já permite compreender que os cenários positivos de Êxodo são transformados em um campo de conflito, com sérias rebeliões do povo e conseqüente punição divina.

A aproximação de Deus e sua presença junto aos israelitas, durante a caminhada, aumenta a dramaticidade dos conflitos depois da aliança sinaítica, mas também acentua o caráter pedagógico e a relação estabelecida com a necessidade do cumprimento do projeto do êxodo para que tenham vida plena (CATENASSI, 2015, p. 66). Os conflitos pós-Sinai, assim, têm uma conotação mais dura e uma condenação da parte de Deus com muito mais severidade. Isso já é evidente no episódio do bezerro de ouro e restituição da aliança (Ex 32–34): ainda que seja uma narrativa que manifesta uma teologia da misericórdia em meio à violência, também tem as marcas da mais dura punição de Deus sobre o povo que, desenfreado (Ex 32,25), atenta contra o monoteísmo e peca severamente contra a fé de Israel (CATENASSI, 2016, p. 23).

Após o conflito na ocasião da construção do bezerro (Ex 32–34), o povo continua com as murmurações em Números: os queixosos manifestam o desejo de comer carne (Nm 11,4-34), o medo de tomar a terra de Canaã (Nm 13–14), revoltas contra a autoridade de Moisés e Aarão (Nm 12; 16–17), ou seja, saem das dimensões essenciais da manutenção da vida, de forma que são tratadas como atos extremos de falta de fé, que “exigem” os castigos exemplares por parte de Deus (OLSON, 1996, p. 61). A reclamação em Nm 11 é feita “de barriga cheia”: não é por estarem com estômago vazio, mas por enfado do maná, como se o alimento vindo do céu não fosse adequado para o sustento. Sendo assim, coloca-se em xeque a capacidade de Deus de prover ao ser humano o que necessita para viver, como se desconsiderasse as necessidades mais profundas dos seres humanos.

5. Considerações finais: rumo a uma legítima promoção social e à educação para a solidariedade

Esse pano de fundo da aliança no Sinai deve ser considerado pelo leitor ao buscar o sentido teológico do conflito em *Qibrot-hatta'awah*. Não é um texto que fala da fome, mas daqueles que, no meio do povo, reclamam “de barriga cheia”, despreocupados com a orientação de Deus e rejeitando seu projeto libertador. O início da crise se dá quando a influência de um pequeno grupo de queixosos se alastra sobre os israelitas, colocando em xeque a liderança do povo (“Quem nos dará carne?”, v. 4), e desprezando o maná como alimento (“Nossos olhos nada veem senão este maná!”, v. 6).

Esses “líderes” da crise são opositores da liderança de Yhwh sobre o povo. Ao duvidar sobre sua forma de conduzir o povo, também levantam interrogações sobre a viabilidade da caminhada e da possibilidade da chegada em Canaã. Sua influência torna-se ainda mais grave: além de desconsiderar as necessidades fundamentais dos israelitas, ainda coloca nos clamores populares a reclamação por aquilo que era supérfluo: carne no deserto! Vende-se um “desejo”, que cai nos lábios do povo como se fosse essencial, mas que é tão nocivo a ponto de idealizar o trabalho forçado no Egito para que parecesse atrativo.

Na narrativa de Nm 11,4-35, diante de uma situação tão delicada, Deus age como pedagogo, reconhecendo a natureza das queixas e agindo não de forma superficial, mas cuidando com profundidade das limitações reais apresentadas no “desejo” que se espalha no seio do acampamento. À luz da ética do Sinai, o que a intervenção divina busca não é meramente apagar as rebeliões do meio do acampamento, mas uma verdadeira promoção humana, que dê aos israelitas um novo coração, que os permita entrar na Terra Prometida.

O primeiro tema da reclamação é a liderança. Moisés reconhece a responsabilidade de Deus de ser o primeiro guia do povo. Deus é a “mãe”, uma imagem tão afetiva e tão pouco comum no Antigo Testamento! Ao mesmo tempo, reconhece que a ação de Deus não é mágica e passa pelas estruturas humanas, pois há

a exigência de que uma ama de leite ajude a cuidar dos filhos de Israel. Por isso, na oração de Moisés, ele não pede demissão do cargo de líder, mas implora (“Ah! Se eu tivesse encontrado graça a teus olhos!”, v. 15), pedindo ajuda. Assim, a ação do líder que cuida do povo se conecta com a ação do criador: a missão da liderança de pastorear sua gente torna-se extensão da missão divina. A estruturação do conselho de anciãos animados pela *ruah* é uma organização do povo para que as reais necessidades deles sejam satisfeitas, não a do alimento, mas a de “educar os desejos”. Isso fica evidente, já que os novos líderes não recebem a incumbência de encontrar carne. Além do mais, ao final do relato, os israelitas continuam com o maná e as codornizes tornam-se a pedra de condenação do povo; contudo, há um conselho de profetas que podem agir em sintonia com o projeto do êxodo, ajudando-os a enxergar o que significa a caminhada pelo deserto.

O bom líder, como Moisés, deve ter a certeza que Deus tem mão forte (v. 23) e que suas ações no deserto não são desmedidas, guiadas por um “desejo”. O projeto de libertação é estável, porque é alicerçado na estabilidade do próprio Deus, que não muda, mesmo que o povo mude. Por isso, a força de Deus se mostra no impossível: levando Israel a perceber que a abundância do Egito pode acontecer até no deserto se Yhwh assim o quiser. No entanto, o alimento que vem do céu não cai como maná, diariamente, mas é balizado pela medida pedida pelos queixosos: vem em suprema abundância! O desfecho não pode ser positivo: aqueles que são guiados pelo desejo devem sepultá-lo ali mesmo: a carne chega às suas bocas, mas não passa pela garganta, não sacia o desejo (*nefesh* significa garganta, mas também “anelo, desejo”). Do contrário, traz a morte.

Ainda hoje há vozes de lideranças que falam da fome, mas “de barriga cheia”, reclamando por direitos, mas não apresentando a real necessidade daqueles que sofrem. A fome no Brasil ainda é usada como um grande jargão para arrecadação de fundos que nem sempre tiram as pessoas da fome, mas muitas vezes servem a interesses assistencialistas ou caem nas redes de corrupção que marcam nosso sistema político. Tão cruel quanto a operacionalização da fome é a cultura do consumo, que vende “desejos” que não são essenciais para a parcela mais carente da população. O valor de muitos produtos ultrapassa o senso da justiça, vendendo marcas que supostamente garantem *status* social, divulgadas pela indústria da propaganda como necessidades fundamentais para qualquer pessoa.

Nem todos têm a formação e a maturidade para não caírem na “indústria do desejo”. Por isso, o texto de Nm 11,4-35 também ensina que é responsabilidade de nossos líderes hoje dar condições fundamentais de vida para o ser humano e lutar para que as necessidades básicas e essenciais de todos sejam alcançadas. Isso passa pela educação, pela formação de consciência; só assim temos verdadeira promoção humana! A medida que o líder age conectado com Deus, entende que tem uma responsabilidade social diante do povo, que é expressão do cuidado divino. Nessa responsabilidade social está o dever de dar pão a quem tem fome e formar para a autonomia de pensamento, para que sejam capacitados a correr atrás do pão com a dignidade de seu trabalho.

A partilha ainda hoje faz chover comida, como em Ex 16. Os mutirões contra a fome felizmente garantem que muitos em nosso país tenham dignidade humana. Mas é sempre importante lembrar, à luz da Palavra, que medidas paliativas não são o ponto-final no trabalho da luta contra a fome, porque é necessário e urgente construir uma verdadeira educação para a solidariedade. Precisamos de estruturas estáveis que, profeticamente, lembrem o cristianismo de sua missão de incrementar o Reino de dignidade em nosso meio. A religião deve sustentar uma nova atitude sobre a vida, já que a Palavra é alimento espiritual que gera justiça. E essa justiça zela para que todos tenham acesso ao alimento físico.

Referências

- ACKERMAN, J.S. Números. In: ALTER, R.; KERMODE, F. (orgs). *Guia literário da Bíblia*. São Paulo: Unesp, 1997, p. 91-104.
- ALDEN, R.L. אָרָה. In: HARRIS, R.L. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 26-27.
- ARTUSO, V. *A revolta de Coré, Datã e Abiram (Nm 16–17): análise estilístico-narrativa e interpretação*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- ARTUSO, V.; TEIXEIRA, R.D. Taberá: a queixa do povo e o fogo da ira divina (Números 11,1-3). *Interações: cultura e comunidade*, Belo Horizonte, v. 9, p. 181-191, jan./jun. 2014.
- CATENASSI, F.Z. A espiritualidade do deserto: conflitos e superações no Livro dos Números. *Práxis Evangélica*, Londrina, v. 26, 2015, p. 63-73.
- CATENASSI, F.Z. A misericórdia em meio à violência no Israel pós-exílico: Ex 32–34 à luz de Nm 13–14. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 33, abr./jun. 2016, p. 19-31.
- CATENASSI, F.Z. *O conflito de Cades (Números 14,1-38): análise sincrônica e diacrônica*. 2014. 133 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2014.
- KNIERIM, R.P.; COATS, G.W. *Numbers*. Grand Rapids: Eerdmans, 2005.
- MILGROM, J. *Numbers: the traditional Hebrew text with the new JPS translation*. Philadelphia: The Jewish Publication Society, 1990.
- NOTH, M. *Numbers: a commentary*. Philadelphia: The Westminster, 1968.
- OLSON, D.T. *Numbers*. Louisville: John Knox, 1996.
- RÖMER, T. Números. In: RÖMER, T.; MACCHI, J.D.; NIHAN, C. *Antigo Testamento: história, escritura e teologia*. São Paulo: Loyola, 2010, p. 242-259.
- SAKENBFELD, K.D. *Numbers: journeying with God*. Grand Rapids: Eerdmans, 1995.
- SCHÖKEL, L.A. *Dicionário bíblico hebraico-português*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

SHERWOOD, S.K. *Leviticus, Numbers, Deuteronomy*. Collegeville: The Liturgical, 2002.

STUBBS, D.L. *Numbers*. Londres: SCM, 2009.

VARO, F. *Números*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 2008.

WENHAM, G. *Números: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1985.

Fabrizio Zandonadi Catenassi
Rua Gov. Agamenon Magalhães, 199
Cristo Rei.
80050-510 Curitiba, PR.
fabriziocatenassi@gmail.com